

## GEORGES BATAILLE, JEAN BAUDRILLARD E A CRÍTICA AO CONCEITO TRADICIONAL DE ECONOMIA

## GEORGES BATAILLE, JEAN BAUDRILLARD AND THE CRITIQUE OF THE TRADITIONAL CONCEPT OF ECONOMICS

Pedro Antônio Gregorio de Araujo<sup>1</sup>  
David dos Santos Fraga<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca apresentar e analisar as críticas ao conceito tradicional de economia elaboradas pelos autores Georges Bataille e Jean Baudrillard. Para Bataille, a ciência da economia nunca buscou analisar a totalidade do comportamento humano sendo assim uma “economia restrita”, ao passo que ele defenderá uma “economia geral” pautada no dispêndio improdutivo e no excesso. Baudrillard procura mostrar como a cultura da atualidade é fruto de uma realidade construída, a hiper-realidade, e questiona a dominação imposta pelos sistemas de signos, o valor simbólico, que substitui o valor de troca e de uso como fundamento da economia e da sociedade. Tal estrutura sógnica de dominação requer um aparato de sistema tecnológico e redes de informação que altera substancialmente a racionalidade, o pensar e o agir. Essa “intoxicação” midiática acarretou a perda do referencial das identidades, tornando-as servas de uma ditadura tecnológica cujo único propósito é a autopreservação do próprio Sistema.

**Palavras-chave:** Bataille; Baudrillard; dispêndio; hiper-realidade; valor simbólico.

---

<sup>1</sup>Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [pedro.araujo@edu.pucrs.br](mailto:pedro.araujo@edu.pucrs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0592-1303>.

<sup>2</sup>Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [davidsfraga@gmail.com](mailto:davidsfraga@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org.0009-0009-0432-0697>.

## ABSTRACT

This article seeks to present and analyze the criticisms of the traditional concept of economics elaborated by the authors Georges Bataille and Jean Baudrillard. For Bataille, the science of economics never sought to analyze the totality of human behavior, thus being a “restricted economy”, while he defended a “general economy” based on unproductive expenditure and excess. Baudrillard seeks to show how today's culture is the result of a constructed reality, hyperreality, and questions the domination imposed by sign systems, symbolic value, which replaces exchange and use value as the foundation of the economy and society. Such a sign structure of domination requires a technological system apparatus and information networks that substantially alters rationality, thinking and acting. This media “intoxication” resulted in the loss of identities as a reference, making them servants of a technological dictatorship whose sole purpose is the self-preservation of the System itself.

**Key words:** Bataille; Baudrillard; expenditure; hiperreality; symbolic value.

**Artigo recebido em:** 22/03/2024

**Artigo aprovado em:** 16/05/2024

**Artigo publicado em:** 22/10/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11.5342>.

## 1 INTRODUÇÃO

Muito pode se falar da economia, de fato, ela permeia nossas vidas, tanto em coletivo quanto individualmente. Economistas aparecem dando entrevistas, com termos que de certa forma lembram o misticismo da época da idade das trevas. O conceito de “utilidade”, por exemplo, é um que é utilizado por toda a história do campo econômico enquanto ciência. Mas o que é realmente o “útil”, enquanto concretude? Para se definir isto, muitas das vezes se fez uso de termos ainda mais abstratos, tais quais “dever”, “necessidade”, “honroso”. Gostaríamos, pois, de propor com esse artigo, uma crítica à noção tradicional de economia, enquanto algo centrado em termos como “produtividade”, “escassez”, “acumulação”, etc... E para fazermos

isto propomos o diálogo entre dois pensadores franceses: Georges Bataille (1897-1962)<sup>3</sup> e Jean Baudrillard (1929-2007)<sup>4</sup>.

Na nossa primeira parte do artigo discorreremos acerca de Georges Bataille, tendo núcleo de nossa leitura os seus dois textos onde o tema da economia é tratado com mais ênfase, sendo eles *A Noção de Dispendio* (1933) e *A Parte Maldita* (1949). Reconstruiremos a argumentação de Bataille sobre o princípio de perda enquanto base da economia, por meio da análise do fenômeno do potlatch. Feito isto, falaremos sobre como Bataille distingue as economias restritas das gerais, a partir do argumento da energia em excesso advinda do sol.

A crítica econômica empreendida por Bataille é, posteriormente, influente para a obra de Jean Baudrillard. Pretendemos mostrar como Baudrillard reage à teoria de Bataille e como esta influenciou seu pensamento, sobretudo acerca do valor simbólico, ao apresentar uma releitura de Bataille.

Buscamos explicar, também, neste artigo, a dimensão simbólica no pensamento do filósofo francês Jean Baudrillard. Isto é, como em determinado objeto além de seu valor de uso e valor de troca, possui um valor simbólico. Eis sua crítica a economia política do signo e a sociedade do consumo. E como tal sociedade possui um

---

<sup>3</sup> Autor multidisciplinar, que transitara pelas mais diversas áreas do pensamento: literatura, filosofia, antropologia, religião, sociologia, história da arte, entre outras. Conhecido pelos seus romances como *História do Olho* (1928), *O Azul do Céu* (publicado em 1957, escrito em 1935-36) e *Minha Mãe* (1966), Bataille também produziu uma obra teórica robusta, em obras como *O Erotismo* (1957), *A Literatura e o Mal* (1957) e *A Suma Ateológica* (1943-1945). Podemos dizer que sua obra – em sua época, esquecida e maldita – em que dialogou com autores como Nietzsche, Hegel, Freud, Marx, Sade, Mauss e o surrealismo, foi de suma importância para autores da geração posterior, como Foucault, Derrida, Nancy, Agamben, sobretudo na forma em que Bataille apresenta uma leitura de tudo aquilo que é tido como “dejeito”, “inútil”, “excessivo” pela filosofia sistemática tradicional.

<sup>4</sup> Sociólogo de formação orientado por Henri Lefebvre, Baudrillard teve como interesse contínuo em sua carreira acadêmica o estudo da cultura. Combinando a economia política marxiana, semiologia e sociologia, Baudrillard publica uma série de livros interessados em analisar o consumismo: *O Sistema dos Objetos* (1968), *A Sociedade do Consumo* (1970) e *Para uma Crítica da Economia Política do Signo* (1972). Tentando superar as limitações de uma tradição economicista do marxismo, Baudrillard desenvolve a noção de troca simbólica (influenciado por Bataille, Mauss e Jarry) em *O Espelho da Produção* (1973) e *A Troca Simbólica e a Morte* (1976). E é com a sua obra mais conhecida que Baudrillard articula o princípio de ruptura entre a sociedade moderna e a sociedade pós-moderna: *Simulações e Simulacro* (1981), em que se investiga como a simulação organiza uma sociedade.

fetichismo do significante que configura o valor sgnico do fetichismo. Procuramos mostrar, também, como opera a racionalidade do simulacro através de um campo e troca simbólicos. Como o signo estabelece o controle social através da simulação. E por fim, a crítica que o autor faz a Disneylândia através do apagamento do real e imaginário através da virtualidade da realidade virtual e o apagamento do tempo através da justaposição.

## 2 GEORGES BATAILLE E A ECONOMIA GERAL<sup>5</sup>

Georges Bataille realizou a crítica à economia tradicional em duas obras, a saber, o artigo de 1933 A Noção de Dispêndio e o livro A Parte Maldita, publicado em 1949. Nos dois textos, Bataille pretende expor a visão de que todas economias são pautadas pelo dispêndio em primeiro lugar, e não a produção como é tradicionalmente visto em teorias econmicas tradicionais. Não a princípios ortodoxos tais quais a acumulação e escassez, e sim ao gasto e a abundância heterodoxos.

### 2.1 O DISPÊNDIO E O POTLATCH

Para melhor explicitar sua teoria Bataille, em sua obra de 1933, realiza duas distinções, a primeira entre produção e consumo, e a segunda, dentro deste último, entre consumo produtivo e improdutivo, também chamado de princípio de perda. A versão produtiva  redutível, e representa aquilo que é o mínimo necessário, que tem o fim voltado para uma outra atividade, ao passo que a improdutivo  irredutível, e frequentemente  excluído da cadeia econmica, sendo considerada um fim em si mesma, conforme o autor francês afirma:

A atividade humana não é inteiramente redutível a processos de reprodução e de conservação, e o consumo deve ser dividido em duas partes distintas. A primeira, redutível,  representada pelo uso do mínimo necessário, para os indivíduos de uma dada sociedade,  conservação da vida e ao

---

<sup>5</sup> Cf. Araujo (2021).

prosseguimento da atividade produtiva: trata-se, portanto, simplesmente da condição fundamental desta última. A segunda parte é representada pelos dispêndios ditos improdutivos: o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (isto é, desviada da finalidade genial) representam atividades que, pelo menos nas condições primitivas, têm em si mesmas seu fim (BATAILLE, 2016, p. 21).

Bataille menciona diversos exemplos destes chamados dispêndios improdutivos, tais quais: joias, cerimônias religiosas, arte e jogos de aposta em geral. Segundo o autor, a predominância destes fenômenos seria a prova de que estamos sujeitos a princípios não-produtivos desde as sociedades não-modernas. Conforme Benjamin Noys afirma, diamantes, por exemplo, não possuem um uso para algo específico, somente uso decorativo. Entretanto, tais joias são cobiçadas excessivamente, além de formarem um grande custo ao comprador e para a busca delas na terra, custo grande o bastante para tais diamantes serem considerados amaldiçoados:

Dispêndio improdutivo é o princípio da perda que é excluído pela sociedade moderna mas que ainda vive dentro dela, revelado nos traços e remanescências dos grandes exercícios de dispêndio das sociedades passadas e 'primitivas'. Bataille dá um número de exemplos da sobrevivência dos processos de dispêndio suntuário, como no caso da fascinação contínua que temos por joias. Estes itens funcionalmente inúteis, exceto para decoração, levam a dispêndios maciços tanto em sua descoberta da terra quanto em sua venda. Para Bataille eles têm o significado inconsciente profundo de 'matéria amaldiçoada que flui de uma ferida'. Joias, especialmente os grandes diamantes, são frequentemente rumorados de serem amaldiçoados ou de possuírem um poder maligno para excitar ganância e violência. (NOYS, 2000, p. 107, tradução nossa)<sup>6</sup>

Existe, portanto, uma linha dos dispêndios das tribos pré-capitalistas, passando pelo tempo dos monarcas, até as sociedades capitalistas contemporâneas. Tal

---

<sup>6</sup>“Unproductive expenditure is the principle of loss which is excluded by modern society but which still lives on within it, revealed in the traces and remnants of the great exercises of expenditure of the past and of 'primitive' societies. Bataille gives a number of examples of the survival of processes of sumptuary expenditure, for instance in the continuing fascination we have with jewels. These functionally useless items, except for decoration, lead to massive expenditures both in their recovery from the earth and in their sale. For Bataille they have the profound unconscious meaning of 'cursed matter that flows from a wound' (VE, 119; BR, 170). Jewels, especially the great diamonds, are often rumoured to be cursed or possessed of a malign power to excite greed and violence.”

argumento de resgate da experiência dos indígenas norte-americanos não é utilizado para romantizar tais sociedades de forma utópica, e sim para refutar a ideia de que o capitalismo (e por consequência seus princípios econômicos) é o modelo eterno de economia, de acordo com Noys:

A virada de Bataille para as sociedades ‘primitivas’ não é uma projeção romântica do ‘nobre selvagem’ que exemplifica o dispêndio improdutivo, mas um ato do que Goux chama de “decentralização etnológica”. Por retornar para uma possibilidade diferente de economia, Bataille desloca nossa tendência de projetar o capitalismo como o modelo eterno de economia (NOYS, 2000, p. 107, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Bataille afirma em seu ensaio que para melhor exemplificar seu argumento, é preciso que se analise os fenômenos econômicos presentes nas sociedades antigas, e o motivo disto seria o fato de que nestas sociedades a troca era um caso de perda dos objetos cedidos, porém não em forma de escambo, como economistas modernos muitas vezes argumentam. A troca, segundo Bataille, não era motivada para o ganho de algo instantaneamente, e sim para a destruição e perda do que é cedido:

A economia clássica imaginou que a troca primitiva se produzia sob a forma de escambo: ela não tinha, com efeito, razão alguma para supor que um meio de aquisição como a troca tivesse podido ter como origem não a necessidade de adquirir que atualmente ela satisfaz, mas a necessidade contrária de destruição e de perda (BATAILLE, 2016, p. 24).

Ao mostrar que a troca das sociedades pré-capitalistas era pautada na perda de recursos e não no ganho, mostra-se necessário, para Bataille, analisar a instituição do *potlatch*<sup>8</sup>. O *potlatch* foi primeiramente observado e teorizado pelo antropólogo francês Marcel Mauss. Mauss usa o termo para se referir a fenômenos de “prestações totais de tipo agonístico” que ocorriam entre tribos indígenas norte-americanas, no seguinte sentido:

Há prestação total no sentido de que é claramente o clã inteiro que contrata por todos, por tudo o que ele possui e por tudo o que ele faz, mediante seu

---

<sup>7</sup>“Bataille’s turn to ‘primitive’ societies is not a romantic projection of the ‘noble savage’ who exemplifies unproductive expenditure but an act of what Goux calls ‘ethnological decentring’ (CR, 196). By returning to a different possibility of economy Bataille dislodges our tendency to project capitalism as the eternal model of economy.”

<sup>8</sup>“*Potlatch* quer dizer essencialmente ‘nutrir’, ‘consumir’” (MAUSS, 2016, p. 86).

chefe. Mas essa prestação adquire, da parte do chefe, um caráter agonístico muito marcado (MAUSS, 2016, p. 86).

Ou seja, a troca, em tais sociedades, era algo usado para desafiar uma tribo rival, numa espécie de competição de quem conseguia dispender mais recursos que o outro. Ao realizar o *potlatch*, vinha sempre consigo a necessidade de retribuir o gasto numa amplitude cada vez maior, conforme Mauss observou, em virtude de um suposto vínculo espiritual entre o doador e o donatário:

Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar aliança e a comunhão. A seguir, dá-se porque se é forçado a isso, porque o donatário tem uma espécie de direito de propriedade sobre tudo o que pertence ao doador. Essa propriedade se exprime e se concebe como um vínculo espiritual (MAUSS, 2016, p. 91).

Bataille demonstra que tal necessidade também está ancorada numa concepção materialista, pois não retribuir uma dádiva com uma dádiva maior é sinal de fraqueza, e é o equivalente de se afirmar como perdedor na disputa. Portanto, para se consagrar como vencedor do desafio, e dar a réplica ao desafiante, é necessário que o donatário doe ainda mais do que foi anteriormente doado:

O valor de troca da dádiva resulta do fato de que o donatário, para apagar a humilhação e rebater o desafio, deve satisfazer à obrigação – contratada por ele quando da aceitação – de responder posteriormente por uma dádiva maior, ou seja, de retribuir com usura (BATAILLE, 2016, p. 25).

A dádiva não é a única forma de *potlatch*, Bataille constata. Segundo o escritor francês, o segundo modelo deste fenômeno seria a destruição da própria riqueza de forma ostentadora, exemplificada pelo sacrifício religioso, em que os sacrifícios estariam sendo, supostamente, oferecidos aos antepassados do donatário:

Contudo, a dádiva não é a única forma do *potlatch*; é também possível desafiar rivais por meio de destruições espetaculares de riqueza. É por intermédio desta última forma que o *potlatch* se encontra com o sacrifício religioso, e as destruições são teoricamente oferecidas a ancestrais míticos dos donatários (BATAILLE, 2016, p. 25)

O *potlatch* é, portanto, contrário ao princípio de conservação econômico, visto que o que motiva ele é a perda. Toda aquisição oriunda de movimentos do *potlatch* é meramente consequência, e não objetivo; Bataille de fato lembra Mauss, ao dizer que

o ideal seria dar um *potlatch* e não ocorrer reciprocidade nele, visto que a cada vez que é retribuído suas apostas dobram:

“As consequências na ordem da aquisição são apenas o resultado não desejado [...] de um processo dirigido em um sentido contrário: ‘O ideal, indica Mauss, seria dar um *potlatch* e que ele não fosse retribuído’” (BATAILLE, 2016, p. 26).

De acordo com Noys, o *potlatch* não pode ser reduzido a uma dialética de acumulação pois a perda sempre vem em primeiro lugar em forma de gatilho, fazendo com que acumulação seja secundária dentro deste fenômeno. E ademais, Bataille sempre ressalta o fato de que este processo de *potlatch* pode vir a dar errado e levar à destruição completa da tribo:

Bataille resiste a esta leitura por acentuar que a perda vem primeiro e é primária ao processo sendo seu gatilho. Ele também realça que este domínio social pautado na perda, a doação de riqueza, resiste a acumulação de poder econômico absoluto acima dos outros e sua destituição. Finalmente, Bataille está interessado em como este processo pode sempre sair do controle e levar à destruição em massa, como quando uma tribo destrói seu vilarejo inteiro para colocar seu rival em dívida inescapável. Não importa o quanto o *potlatch* pode levar à acumulação de status e riquezas, ele sempre é inabitado pelo fantasma da perda absoluta (NOYS, 2000, p. 108, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Fica, pois, claro que a perda está no fundamento de todo sistema econômico. No entanto, tais formas de economia em que a perda é aceita como princípio e em que os dispêndios improdutivos são realizados de forma suntuosa foram descartadas em prol de economias de mercado centradas no princípio de acumulação. No entanto, isso não quer dizer que o princípio de perda foi perdido pelas sociedades contemporâneas a Bataille<sup>10</sup>. Na sociedade capitalista quem dita a forma de dispêndio predominante é

---

<sup>9</sup>“Bataille resists this reading by stressing that loss comes first and is primary to the process as its trigger. He also stresses that this social dominance based on loss, the giving away of wealth, resists the accumulation of absolute economic power over others and their destitution. Finally, Bataille is interested in how this process can always go out of control and lead to mass destruction, as when a tribe destroys its entire village to place its rival in an inescapable debt to it. No matter how much the potlatch can lead to the accumulation of status and wealth it is always inhabited by the ghost of absolute loss.”

<sup>10</sup>“Hoje desapareceram as formas sociais, grandes e livres, de dispêndio improdutivo. Contudo, disso não se deve concluir que o próprio princípio do dispêndio deixou de estar situado no termo da atividade econômica” (BATAILLE, 2016, p. 27).

a burguesia, classe detentora de meios de produção. Logo, esta classe estaria interessada apenas em despender para si mesma, entre quatro paredes, assim por dizer, conforme Bataille ao compará-la à aristocracia feudal:

Ela [a burguesia] se distinguiu da aristocracia pelo fato de só ter consentido em despender para si, no interior dela mesma, isto é, dissimulando seus dispêndios, na medida do possível, aos olhos das outras classes (BATAILLE, 2016, p. 28, grifos do autor.)

Aquilo que era tido como economia geral foi perdido com o modelo capitalista de economia, de acordo com Noys:

Uma economia que é aberta à perda e organizada através do princípio de perda, que seria a que Bataille diria mais tarde estar em sintonia com a economia geral, foi erodida e substituída por uma economia de mercado orientada para acumulação<sup>11</sup> (NOYS, 2000, p. 108, tradução nossa).

Se torna, portanto, necessário que analisemos o empreendimento teórico realizado por Bataille no livro de 1949 *A Parte Maldita*, em que a questão da economia é formulada dentro do conceito de economia geral.

## 2.2 A ECONOMIA GERAL, OU COMO O SOL PODE FUNDAMENTAR UM SISTEMA?

Em sua obra datada de 1949, *A Parte Maldita*, Bataille aborda a questão econômica agora fora da perspectiva da crise política, e sim no contexto do surgimento das sociedades de consumo pós-Segunda Guerra Mundial. Se antes o escritor francês formulara sua indagação dentro da estrutura de um marxismo heterodoxo que busca analisar relatos antropológicos, agora ela é formulada a partir de um ponto de vista ontológico, para maior precisão, a partir do sol, conforme Benjamin Noys anuncia:

Ao invés do dispêndio não-produtivo ser o resultado de um princípio de perda originado em uma tendência humana melhor exemplificada nas

---

<sup>11</sup>“An economy which is open to loss and organised through the principle of loss, which as Bataille would later say is in touch with general economy, has been eroded and replaced by a market economy oriented towards accumulation.”

sociedades 'primitivas', o dispêndio improdutivo é agora o resultado de um 'circuito de energia cósmica' (NOYS, 2000, p. 111, tradução nossa)<sup>12</sup>.

A oposição norteadora formulada por Bataille nesta obra não é mais política, como no caso do texto de 1933, entre burguesia e proletariado, ou até mesmo entre acumulação e *potlatch*, e sim entre o espaço limitado da terra comparado à dádiva sem fim do sol, de acordo com a diferenciação exposta por Noys: "A oposição é agora entre o espaço limitado da terra e a dádiva ilimitada do sol, ao invés de ser entre a burguesia e o proletariado, ou entre acumulação e *potlatch*" (NOYS, 2000, p. 111, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Segundo Georges Bataille, o sol dá energia ilimitadamente e não recebe nada em troca. De fato, de acordo com o francês, toda a energia presente na Terra e nos seres vivos que a habitam é oriunda da energia solar. Sem o sol, não haveria a exuberância de energia presente na superfície do mundo, isto é, não haveria vida na Terra: "A energia solar é o princípio de seu desenvolvimento exuberante. A fonte e a essência de nossa riqueza são dadas na irradiação do sol, que dispensa a energia – a riqueza – sem contrapartida. O sol dá sem nunca receber" (BATAILLE, 2016, p. 50). Lembremo-nos daquilo que foi dito antes a respeito da obrigatoriedade de sempre retribuir um *potlatch*: neste caso, o sol está apenas dando, e o seu ato de chamar a obrigatoriedade de retribuir nunca é respondida pela Terra. Portanto, o sol está no núcleo da dissipação de energia terrestre, e, por consequência, o dispêndio de energia em excesso também está, conforme Bataille constata:

Partirei de um fato elementar: o organismo vivo, na situação determinada pelos jogos de energia na superfície do globo, recebem em princípio mais energia do que é necessário para a manutenção da vida: a energia (a riqueza) excedente pode ser utilizada para o crescimento de um sistema (de um organismo, por exemplo); se o sistema não pode mais crescer, ou se o excedente não pode ser inteiramente absorvido em seu crescimento, é preciso

---

<sup>12</sup>"Instead of non-productive expenditure being the result of a principle of loss originating in a human drive best exemplified in 'primitive' societies, nonproductive expenditure is now the result of a 'circuit of cosmic energy'."

<sup>13</sup>"The opposition is now between the limited space of the earth and the unlimited gift of the sun rather than between the bourgeoisie and the proletariat or between accumulation and *potlatch*."

---

necessariamente perdê-lo sem lucros, despendê-lo, de boa vontade ou não, gloriosamente ou de modo catastrófico (BATAILLE, 2016, p. 50).

Bataille nos avisa que é necessário despender esta energia em excesso, seja de forma gloriosa ou catastrófica, tendo em vista que o limite para a produção é a esfera terrestre,<sup>14</sup> fazendo assim uma contraposição entre a energia ilimitada do sol com a limitação da biosfera. Nós não percebemos a importância do sol no gerenciamento de energias pois a forma como a ciência econômica é organizada obnubila a importância do astro-rei ao particularizar a atividade econômica e teleologizar esta em direção ao homem em particular, Bataille sustenta. Isso se deve ao fato da economia nunca ser vista pela perspectiva em geral, e sim apenas na restrita, levando a esse esquecimento:

O contrário aparece habitualmente porque a economia nunca é encarada *em geral*. O espírito humano reduz suas operações, tanto na ciência quanto na vida, a uma entidade baseada no tipo dos sistemas *particulares* (organismos ou empreendimentos). A atividade econômica, encarada como um conjunto, é concebida sob a forma da operação particular, cujo fim é limitado. [...] a ciência econômica se contenta em generalizar a situação isolada, limita seu objeto às operações feitas com vistas a um fim limitado: o do homem econômico; ela não leva em consideração uma atuação da energia que nenhum fim particular limita (BATAILLE, 2016, p. 46, grifos do autor).

Fica, pois, clara, que as economias atuais são restritas pelo fato de se basearem em princípios econômicos tradicionais tais quais a acumulação e a utilidade, e, em contraposição, existem as economias gerais. Bataille pretende com esta obra realizar o equivalente a uma revolução copernicana dentro do campo da economia, ao inverter do polo da produtividade para a improdutividade o núcleo da economia:

Indicarei apenas, sem esperar mais, que a própria extensão do crescimento exige a inversão dos princípios econômicos – a inversão da moral que os fundamenta. Passar das perspectivas da economia *restrita* às da economia *geral* realiza, na verdade, uma mudança copernicana: colocar ao contrário o pensamento – e a moral (BATAILLE, 2016, p. 48, grifos do autor).

No entanto, a citação acima que fala sobre a mudança de uma economia para outra é considerada como deveras ambígua: Bataille estaria falando de que tipo de

---

<sup>14</sup>“No entanto, a esfera terrestre (exatamente a *biosfera*, que corresponde ao espaço acessível à vida) é o único limite real. [...] é, em definitivo, o tamanho do espaço terrestre que limita o crescimento global” (BATAILLE, 2016, p. 50-51, grifos do autor).

transformação exatamente? De um modelo econômico para outro? Ou será que não seria apenas uma mudança de perspectivas, a forma de ver a economia? E a situação fica ainda mais problemática quando Bataille reconhece a impossibilidade de distinguir uma da outra completamente dentro da vida real: “Ora, a vida real, composta de dispêndios de todas as espécies, ignora o dispêndio exclusivamente produtivo, ignora inclusive, praticamente, o puro dispêndio improdutivo.” (BATAILLE, 2016, p. 39). Porém, apesar dessa nuvem que escurece essa análise, ainda é preciso realizá-la. De acordo com Benjamin Noys, isso é uma faca de dois gumes, pois não haveria estabilidade tanto para dispêndio produtivo quanto para o improdutivo, visto que ambos se encontram misturados, e é somente por causa dessa mistura, da possibilidade de uma economia produtiva virar improdutiva e vice-versa, que Bataille pôde realizar este trabalho, segundo Noys:

Nós não temos escolha entre duas economias diferentes, mas somente a economia em que o produtivo é assombrado pelo se tornar improdutivo e o improdutivo pelo se tornar produtivo, com trocas e mudanças entre eles que tem de ser analisada em uma avaliação aberta do jogo de forças atual; uma avaliação que deve estar aberta e radicalmente contingente porque é sempre sujeita a alterações posteriores através do jogo de excesso que ela traça (NOYS, 2000, pp. 115-116, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Ainda de acordo com a leitura realizada por Noys, a economia geral seria o Outro da economia, no sentido de tentativas de elucidação e exemplificação serem formas de limitar tal conceito. Uma economia puramente geral é uma impossibilidade, e tal interpretação faz sentido tendo em vista as raízes surrealistas da obra de Bataille; a economia geral seria um fluxo de energia que constantemente permite novos avanços, e aberturas para o novo. Sem contar que o sol é um exemplo de economia geral que dá sem receber, porém, tendo em vista que é puramente geral, o sol é um

---

<sup>15</sup>“We have no choice between two different economies, but only the economy in which the productive is haunted by becoming non-productive and the non-productive by becoming productive, with shifts and changes between them that have to be analysed in an open assessment of the current play of forces; an assessment which must be open and radically contingent because it is always subject to further alteration through the play of excess which it traces.”

---

lugar impossível da humanidade construir sua economia. Bataille teria o desejo de mudar, materialmente falando, de um modelo econômico para outro, porém, tal mudança é impossível, logo seu poder transformativo estaria no efeito de seus fluxos de energia. Portanto, podemos dizer que a economia geral agiria como uma transgressão. Conforme Noys:

Penso que Bataille desejou a primeira transformação de um tipo de economia para outro. O sol figura neste desejo como o lugar *impossível* de economia geral pura, impossível de existir nele ou de olhar diretamente ele para os seres humanos. A impossibilidade de inabitare essa posição é, eu penso, reconhecimento de Bataille da impossibilidade de uma economia geral como uma economia pura. Ele não pode ser um outro tipo de economia baseada no sol, mas ao invés disso ela é o Outro da economia. Então, enquanto Bataille deseja economia geral como uma 'dádiva sem retorno' pura, como a fonte e o término da parte maldita, ele também tem um pensamento diferente da economia geral enquanto força transformadora. Economia geral seria não mais um lugar para ser ocupado fora da economia restrita, mas um efeito passageiro e efervescente da turbulência rodopiante dos fluxos de energia que constantemente perfuram limites, criam aberturas e novos limites (NOYS, 2000, p. 115, tradução nossa)<sup>16</sup>.

### 3 O QUE MONSIEUR BAUDRILLARD PENSA DE MONSIEUR BATAILLE?

Agora pois, feita a (não-)exposição sobre a economia geral, torna-se necessário tratar de como a parte maldita foi aprovada pelo teórico do simulacro Jean Baudrillard. Segundo Baudrillard, a crítica econômica realizada por Bataille não seria uma crítica de cunho marxista, e sim de cunho aristocrático, visto que o alvo é a predominância da produtividade acima de outros valores, e não a apropriação do mais-valor pelo

---

<sup>16</sup>"I think that Bataille desired the first transformation from one type of economy to another. The sun figures in this desire as the impossible place of pure general economy, impossible to exist on or to gaze upon directly for human beings. The impossibility of inhabiting this position is, I think, recognition by Bataille of the impossibility of general economy as a pure economy. It cannot be another type of economy based on the sun but instead it is the Other of economy. So, while Bataille desires general economy as a pure 'gift without return', as the source and terminus of the accursed share, he also has a different thinking of general economy as a transformative force. General economy would no longer be a place to be occupied outside of restricted economy but a fleeting and effervescent effect of the swirling turbulence of energy flows that constantly puncture limits, create openings and new limits."

detentor dos meios de produção. De fato, Baudrillard argumenta que a crítica de Marx ao capitalismo não foi extrema o suficiente, pois ela ainda estaria vinculada à predominância da produtividade acima de outros valores econômicos e ainda usaria termos capitalistas, ao passo que Bataille, segundo Baudrillard, crítica o princípio de utilidade em si:

Esta crítica [a de Bataille] não é uma crítica marxista; ela é uma crítica aristocrática pois ela vê a utilidade, finalidade econômica, como o axioma da sociedade capitalista. [...] O marxista busca um bom uso da economia. A crítica marxista é logo restrita, pequeno-burguesa, outro passo para a banalização da vida em direção ao 'bom uso' da sociedade! Bataille, por outro lado, varre toda essa dialética de escravo pra longe com um ponto de vista aristocrático, daquele do senhor agarrado por sua morte. Poderia se apresentar essa perspectiva como pré- ou pós-marxista. De qualquer forma, marxismo é somente o horizonte desencantado do capital – tudo que o precede o marxismo ou segue ele é mais radical que o marxismo (BAUDRILLARD, 2013, p. 46, tradução nossa)<sup>17</sup>.

No entanto, Bataille teria cometido um erro em sua leitura de Mauss. Segundo Baudrillard, Bataille teria interpretado o fenômeno do *potlatch* sob um viés naturalista, isto é, a teoria de que o sol seria a dádiva que dá sem receber nada em troca é, para Baudrillard, uma falsidade mística. Bataille deveria ter se atentado aos detalhes da adoração ao sol dos astecas, visto que estes compreendiam que para o sol dar algo é necessário sacrificar algo:

Bataille funda sua economia geral na 'economia solar' sem contrapartida, na dádiva unilateral que o sol dá a nós sua energia: cosmogonia do dispêndio, que é utilizado numa antropologia religiosa e política. Mas Bataille leu pobremente Mauss: a dádiva unilateral não existe. Esta não é a lei do universo. Ele, que explorou o sacrifício humano dos astecas tão bem, deveria ter sabido, assim como eles, que o sol dá nada, que ele deve ser constantemente nutrido com o sangue humano para ele poder brilhar. É necessário provocar os deuses por meio de sacrifícios para que eles respondam com profusão. Em outras palavras, a raiz do sacrifício e da economia geral nunca é o dispêndio puro e simples, onde sei que não é um instinto em direção ao excesso que vem para

---

<sup>17</sup>“This critique is not a Marxist critique; it is aristocratic because it sees utility, economic finality, as the axiom of capitalist society. [...] The Marxist seeks a good use of the economy. The Marxist critique is therefore restricted, petite-bourgeoisie, another step in the banalization of life toward the 'good use' of society! Bataille, on the other hand, sweeps this whole slave dialectic away from an aristocratic point of view, from that of the master gripped by his death. One could present this perspective as pre- or post-Marxist. In any case, Marxism is only the disenchanting horizon of capital—everything that precedes Marxism or follows it is more radical than Marxism.”

nós da natureza, mas sim um incessante processo de provocação (BAUDRILLARD, 2013, p. 47, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Para Baudrillard, Bataille é radical na sua crítica à economia pois este colocou a morte não como uma balança para regular tensões, e sim como o momento de maior intensidade do movimento de dádivas e contradádivas:

Em vez de instituir a morte como regulação de tensões e função de equilíbrio, como economia de pulsão, Bataille a introduz, pelo contrário, como paroxismo de trocas, superabundância e excesso (BAUDRILLARD, 1996, p. 209).

O luxo da morte, para Bataille, é o ponto mais excessivo da vida<sup>19</sup> e, sendo assim puro excesso, ele é sistematicamente removido da ciência econômica, conforme escreve Baudrillard:

A ideia de que a morte não é de modo algum uma falha da vida, que ela é desejada pela vida e que o fantasma delirante de aboli-la (o da economia) equivale a instalá-la no âmago da própria vida – dessa vez, porém, como nada morno e sem fim (BAUDRILLARD, 1996, p. 210).

A economia consegue apenas transformar a ideia da morte numa ideia mansa, anódina, sem sua excessividade natural. O conceito de morte em Bataille é o princípio excessivo, a antieconomia, pois se o útil é o princípio que rege a sociedade, a morte vira um luxo inútil, assim aponta Baudrillard:

Há, portanto, em Bataille uma visão da morte como princípio excessivo e como antieconomia. Donde a metáfora do luxo, do caráter luxuoso da morte. Só o gasto suntuoso e inútil tem sentido – quanto a economia, ela não tem

---

<sup>18</sup>“Bataille founds his general economy on the ‘solar economy’ without counterpart, on the unilateral gift that the sun gives us of its energy: cosmogony of expenditure, which is deployed in a religious and political anthropology. But Bataille has poorly read Mauss: the unilateral gift does not exist. This is not the law of the universe. He who has explored the human sacrifice of the Aztecs so well should have known, as they did, that the sun gives nothing, that it must be continually nourished with human blood so that it shines. One must provoke the gods through sacrifice so that they respond with profusion. In other words, the root of sacrifice and of general economy is never pure and simple expenditure, wherein I know not what drive toward excess comes to us from nature, but an incessant process of provocation.”

<sup>19</sup>Podemos ver isso na obra *O Erotismo* (1957) de Bataille, em que ele afirma que a superabundância de energia traz, consigo, a morte: “A superabundância tem por consequência inevitável a morte, só a estagnação assegura a manutenção da descontinuidade dos seres (de seu isolamento)” (BATAILLE, 2014, p. 125)

sentido, é só resíduo de que fizemos a lei da vida, ao passo que a riqueza está na permuta luxuosa da morte (BAUDRILLARD, 1996, p. 210).

O desafio simbólico apresentado por Bataille é o que interessa a Baudrillard: “O que forma o núcleo da leitura de Baudrillard sobre Bataille é a ideia de troca simbólica, um tipo de troca que seria exterior às trocas características do capitalismo.” (NOYS, 2000, p. 120, tradução nossa)<sup>20</sup> afirma Noys, a respeito da interpretação feita por Baudrillard sobre Bataille. Pois, conforme o próprio Baudrillard afirma, a permuta entre vida e morte não é uma verdade científica, ela é da ordem simbólica:

O luxo e o excesso não são funções e não se inscrevem no corpo nem no mundo. A morte tampouco, essa morte simbólica, suntuosa, que é da ordem do desafio, não se inscreve, contrariamente, na morte biológica, em nenhum corpo nem em nenhuma natureza. O simbólico nunca se confunde com o real nem com a ciência (BAUDRILLARD, 1996, p. 212).

Agora se torna, portanto, necessário, analisarmos o que é este valor simbólico na obra de Jean Baudrillard, que estaria para além das trocas da sociedade burguesa.

#### 4 O VALOR SIMBÓLICO EM BAUDRILLARD

Segundo o filósofo Jean Baudrillard um objeto, além do seu valor de uso e valor de troca, tem um valor simbólico. Vivemos na hiper-realidade, uma espécie de realidade virtual estruturada pela informação e pela tecnologia que é sustentada pelo amálgama de elementos, que antes era diferenciado como produção e consumo, e ou, pela dispersão do sistema de valores que fundados na ilusão de que a economia e a sociedade têm algum sentido determinado.

Para Baudrillard o plano da racionalidade do objeto engendra uma significação para além do seu uso, de modo que o sistema (que antes era tecnologicamente coerente), agora não o é. A dimensão simbólica faz com que o valor da funcionalidade seja destituído em benefício de uma convenção funcional. Há uma irresponsabilidade

---

<sup>20</sup>“What forms the core of Baudrillard’s reading of Bataille is the idea of symbolic exchange, a type of exchange that would be exterior to the exchanges characteristic of capitalism.”

do consumidor em relação ao que consome, pois a subjetividade da valorização levou a uma metafuncionalidade do meio eletrônico, uma função para além das suas limitações, que, manipula simbolicamente via publicidade.

Assim, o objeto além de sua funcionalidade habitual tem uma espécie de “paixão” simbólica que é o de “possuir” tal objeto, a paixão da propriedade privada:

Admitamos que nossos objetos cotidianos sejam com efeito os objetos de uma paixão, a da propriedade, a da propriedade privada, cujo investimento afetivo não fica atrás em nada àquele das paixões humanas, paixão cotidiana que frequentemente prevalece sobre todas as outras, que por vezes reina sozinha na ausência das outras. Paixão temperada, difusa, reguladora, cuja importância no equilíbrio vital do indivíduo e do grupo, na própria decisão de viver pouco conhecemos. Os objetos nesse sentido são, fora da prática que deles temos, num dado momento, algo diverso, profundamente relacionado com o indivíduo, não unicamente um corpo material que resiste, mas uma certa mental onde reino, algo de que sou o sentido, uma propriedade, uma paixão (BAUDRILLARD, 1993, pp. 93-94).

A sociedade industrial (metalúrgica) se tornou então a sociedade dos símbolos (semiúrgica), o trabalho passa a ser condicionado pela competição e pela personalização. Sob o signo de uma suposta liberdade, a competição deixa de ser apenas produção para se tornar consumo. Ser livre agora *significa* ser capaz de poder consumir o que se deseja.

Nesta sociedade semiúrgica, o objeto perde os seus valores unicamente de uso e troca para ressurgir como valor de signo. O impulso não está nos objetos, mas no sistema de signos que os espelha. Para compreender a atualidade é preciso compreender a mensagem contida no sistema de signos que a constitui. Dessa forma, Baudrillard procedeu à crítica da economia política do signo não da produtividade, mas da *consumidade*, ou seja, da capacidade de consumir. O consumo muda os signos servindo à economia. Assim, a racionalidade se inverte: deixa de ser a racionalidade da produção para ser a racionalidade do consumo.

Ao se considerar não somente o uso e a troca da mercadoria, mas o *sígnico* implica em invés da utilidade, saber o que o signo comunica: qual distinção, hierarquia e sua posição em uma sociedade regida pelo consumo, isto é, qual a *lógica social* do

consumo. Para Baudrillard, essa lógica é a lógica da produção e manipulação dos significantes sociais:

Tudo que acabamos de dizer reenvia-nos, indo além da Metafísica das necessidades e da Abundância, para a verdadeira análise da *lógica social* do consumo. Tal lógica não é a da apropriação individual do *valor de uso* dos bens e dos serviços – lógica de produção desigual, em que uns têm direito ao milagre e outros apenas às migalhas do milagre -; também não é a lógica da satisfação, mas a lógica da produção e da manipulação dos significantes sociais (BAUDRILLARD, 2003. p. 59).

Para a sociedade de consumo, o valor está nas ideias, nos signos dos objetos, no sentido que o objeto empresta à existência, sentido esse fornecido exteriormente através de um condicionamento cultural que é codificado e introjetado pelas mídias sociais. Todos os objetos adquiridos pelo trabalhador são imposições publicitárias: os objetos que ele veste, onde mora, como se transporta e locomove e até a tecnologia que o diverte é a mesma com que se trabalha. Obedecendo a um esquema de sedução. Supõe-se que há uma escolha racional e livre, mas não é possível nem escolha nem libertação pela lógica do consumo que produz e manipula os significantes sociais.

#### 4.1 O VALOR SÍGNICO DO FETICHISMO

No livro, *Para uma crítica da Economia Política do Signo* (1972), Baudrillard sustenta que o fetichismo da mercadoria (um atributo do valor de troca e não do seu valor de uso) foi ultrapassado pelo valor sígnico. Desse modo não se há algum fetichismo é o *feiticismo do significante* onde a racionalidade do signo se autoatribui um valor a si mesma: as marcas se compram e se vendem sem levar junto a materialidade da empresa, das pessoas, do trabalho ali simbolizada. A produção real, do trabalho real, se encontra totalmente esvaziada.

Se há feiticismo, não é, pois, um feiticismo das substâncias e dos valores (ditos ideológicos) que o objeto-feitiço encarnaria para o sujeito alienado – é, por detrás desta reinterpretção (que, ela sim, é verdadeiramente ideológica) *um feiticismo do significante*, isto é, a marca do sujeito naquilo que, do objeto, é 'factício', diferencial, codificado, sistematizado. No feiticismo, não é a paixão das substâncias que fala (a dos objetos, ou a do sujeito), é a *paixão do código* que, regulando e subordinando a si simultaneamente objectos e sujeitos, os

vota conjuntamente à manipulação abstracta. Aí reside a articulação fundamental do processo da ideologia: não na projecção de uma consciência alienada nas superestruturas, mas na própria generalização, a todos os níveis, de um código estrutural (BAUDRILLARD, 1995, p. 85).

Através desta constatação, Baudrillard concluiu que a existência humana não pode ser reduzida ao esforço produtivo. A ideologia universalizou as dimensões qualitativa e quantitativa do trabalho: Quantitativamente o trabalho é transformado em valor monetário abstrato e qualitativamente não pode ser medido; então é fetichizado. O trabalho encontra-se universalizado não por seu valor de mercado e sim por seu valor humano: trabalha-se por uma necessidade social.

#### 4.2 A RACIONALIDADE DO SIMULACRO E A LÓGICA DA SIMULAÇÃO

Na obra *A troca simbólica e a morte* (1976), Baudrillard prossegue sua argumentação afirmando que a troca simbólica perdeu seu caráter organizador uma vez que o campo simbólico só subsiste na forma do simulacro. Os simulacros substituem as ideologias. O código da sociedade de consumo é o da salvação do corpo enquanto signo da saúde, da beleza, do erotismo. É o do desprezo pelo espírito, pela sensatez, pelo saber, pelo amor. Vale a função-signo, o corpo, que não é um artigo, uma mercadoria, mas um artifício de venda: um simulacro

O simbólico destrói a oposição entre o real e imaginário:

O simbólico não é um conceito, nem uma instância ou categoria e tampouco uma 'estrutura'. É um ato de troca e *uma relação social que leva o real ao fim*, que resolve o real e, ao mesmo tempo, a oposição entre real e o imaginário (BAUDRILLARD, 1996, p. 181).

Sobre esse controle do signo sobre o real, Hygina Bruzzi de Melo nos diz em *A Cultura do Simulacro* como o signo controla o sentido reificando em todos os níveis:

A dimensão do real (referente) sobre a qual o signo se estrutura nada mais é que o simulacro do simbólico. Em sua aparente totalidade, o signo coloca-se como princípio de realidade e de sentido, elidindo, contudo, nessa abstração, o real que ele pretende fundar. Através da positividade do signo, a significação controla o sentido, reificando-o em todos os níveis, do campo linguístico à esfera sociopolítica (MELO, 1988, p. 95-96).

O signo é o que estabelece a posição dos indivíduos e os laços sociais, tem uma racionalidade própria. De tal maneira que o controle social é feito via previsão, simulação, isto é, *modelos* de esquemas de controle de uma ordem neocapitalista cibernética regida pelo código visando o controle absoluto:

Prática e historicamente, isso significa a substituição do controle social pelo *fim* (e pela *providência* mais ou menos dialética que vela pela realização desse fim) por um controle social pela previsão, a simulação, a antecipação programadora, a mutação indeterminada, mas regida pelo código. Em vez de um processo finalizado de acordo com seu desenvolvimento ideal, estamos às voltas com uma geração pelo *modelo*. Em lugar de uma profecia, temos direito a uma 'inscrição'. Já não existe diferença entre as duas. Só se alteram e, é preciso dizer, se aperfeiçoam fantasticamente, os esquemas de controle. De uma sociedade capitalista produtivista a uma ordem neocapitalista cibernética, que visa dessa vez ao controle absoluto (BAUDRILLARD, 1996, p. 78).

Já em *Simulacros e simulação* (1981), Baudrillard diz que a ilusão do sistema consiste em oferecer uma explicação perfeita descolada da realidade imperfeita. Onde se sustenta a ideia de que a sociedade e a economia funcionam porque as pessoas acreditam que existe uma racionalidade intrínseca na economia e na sociedade. O filósofo usa a Disneylândia para exemplificar como a máquina invisível dá suporte a essa crença, isto é a hiper-realidade. Na Disneylândia o trabalhador não é pessoa, e sim um signo. O tempo é sincronizado, o espaço obliterado onde os dois são apresentados num mesmo contexto. Lidamos com uma metástase generalizada, o clone do mundo e do universo mental. Pois "a Disneylândia é um modelo perfeito de todos os tipos de simulacros confundidos. É antes de mais um jogo de ilusões e de fantasmas".

Tal sistema hegemônico transforma os valores: impondo a cultura do simulacro, em que o sentido da existência é irreal, é simulado, em que o real é perdido, os significados são abolidos pela saturação dos signos. Na Disneylândia o que atrai as multidões não é somente o êxito operacional da simulação de um mundo imaginário

mas sobretudo o microcosmos social, o *gozo religioso*, que é miniaturizado da América-real, com seus constrangimentos e alegrias.<sup>21</sup>

Segundo Baudrillard, a Disneylândia serve para “esconder” que é o país real, ou seja, toda América uma Disneylândia, isto é, que toda ela é do âmbito hiper-real, uma simulação. Pois este mundo da Disney “quer-se infantil para fazer crer que os adultos estão noutra parte” ou seja, os adultos vão a Disney para “fingir que são crianças para iludir a sua infantilidade real” (BAUDRILLARD, 1991, p. 21).

A Disneylândia existe para esconder que é o país ‘real’, toda a América ‘real’ que é a Disneylândia (de certo modo como as prisões existem para esconder que é todo social, na sua onipresença banal, que é carceral). A Disneylândia é colocada como imaginário a fim de fazer crer que o resto é real, quando toda Los Angeles e a América que a rodeia já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação (BAUDRILLARD, 1991, p. 21).

Mas o que Baudrillard nos mais chama a atenção é no aspecto em que a Disney vai além do imaginário: a realidade virtual que visa dominar o universo real através de uma substituição do imaginário via uma alucinação do real em versão ideal e simplificada. “A nova ordem mundial é disnéica” (BAUDRILLARD, 2002, p. 107), que visa à metástase generalizada, à clonagem do mundo e do nosso universo mental, não através do imaginário mas do viral e virtual. Não é mais apenas a lógica espetacular da alienação que impera mas uma lógica espectral da desencarnação, ou seja, o espectador como figurante mumificado desse imenso *reality show*:

Tornamo-nos não mais espectadores alienados e passivos, mas figurantes interativos, gentis figurantes mumificados desse imenso *reality show*. Não se trata mais da lógica espetacular da alienação, mas da lógica espectral da desencarnação – não mais a lógica fantástica da diversão, mas a lógica corpuscular da transfusão, de transsubstancialização de cada uma das nossas células –, logo um empreendimento de dissuasão radical do mundo desde de dentro e não mais do exterior, como no universo hoje quase nostálgico da realidade capitalista. O figurante da realidade virtual não é mais ator nem espectador, está fora de cena, é obsceno (BAUDRILLARD, 2002, p. 108).

---

<sup>21</sup>“A Disneylândia é um modelo perfeito de todos os tipos de simulacros confundidos. É antes de mais um jogo de ilusões e de fantasmas: os Piratas, a Fronteira, o Future World, etc. Supõe-se que este mundo imaginário constitui o êxito da operação. Mas o que atrai as multidões é sem dúvida muito mais o microcosmos social, o *gozo religioso*, miniaturizado da América real, dos seus constrangimentos e das suas alegrias” (BAUDRILLARD, 1991, p. 20).

A respeito dessa hegemonia do *reality shows*, o professor e jornalista Juremir Machado fez a seguinte pergunta na revista *Famecos*: “Vive-se a hegemonia dos *reality shows* e da democracia de opinião. Seria a mídia regida por uma lei de reversão: a inversão inexorável do sonho em pesadelo?” (MACHADO, 1999, p. 26). A resposta de Baudrillard foi a seguinte:

Trata-se de pesadelo na medida em que todos os sonhos são realizados. Ou, dito de outra maneira, tudo o que pode depender da imaginação acaba absorvido pela imagem. Estamos de fato no domínio do visual, sendo que não há mais qualquer possibilidade de autonomia para a imaginação e a imagem. Nem vale a pena qualquer referência à palavra. Atingimos o grau zero da palavra. É um pesadelo. Voltamos à questão inicial: vivemos a realização de todos os fantasmas. O problema é que não podemos mais desenvolver anticorpos contra isso. A mídia funciona como uma situação extrema de membros transformados em fantasmas. Somos amputados de nosso próprio corpo e de nossas idéias. Em contrapartida, somos sensibilizados para o vazio, para adotar a prótese de nossas próprias convicções. Resta-nos uma sensação de deficiência coletiva (MACHADO, 1999, p. 26).

No entanto, não é apenas o apagamento do real transformando ele em imagem virtual de três dimensões o plano em que a Disney é vencedora, mas também no apagamento do próprio tempo através da justaposição deles no mesmo cenário:

Disney vence ainda em outro plano. Não satisfeito de apagar o real transformando-o numa imagem virtual em três dimensões, mas sem profundidade, apaga o tempo sincronizando todas as épocas, todas as culturas, no mesmo *travelling*, justapondo-os no mesmo cenário (BAUDRILLARD, 2002, p. 108).

A Disney inauguraria dessa forma um *tempo sem profundidade* onde não existem nem presente, nem passado, nem futuro apenas a sincronia imediata de todos os tempos numa virtualidade intemporal, isto é, a quarta dimensão ou o colapso do tempo.

Inaugura assim o tempo real, pontual, unidimensional, ele próprio sem profundidade: nem presente, nem passado, nem futuro, mas sincronia imediata de todos os lugares, de todos os tempos, na mesma virtualidade intemporal. Lاپso ou colapso do tempo: lapso ou colapso do tempo: é isso precisamente a quarta dimensão. Aquela do virtual, do tempo real que, longe de juntar-se às três dimensões do espaço real, as apaga (BAUDRILLARD, 2002, p. 108).

Para Baudrillard os trabalhadores escaparam do mundo fordista para o mundo da fragmentação espacial da produção, materializado na interiorização e no deslocamento. As indústrias de alta tecnologia substituíram as fábricas do século XX. Nesta era da hiper-realidade, de empresas hiper-reais, como as da internet, que operam para além da materialidade do produto, o trabalho deixou de ser uma atividade para tornar-se uma operação. O “trabalho” do trabalhador consiste em operar na hiper-realidade do sistema, em entrar na esfera dos significados flutuantes, dos sentidos flutuantes e da falta de sentido e adotar estratégias de risco, abandonando a posição objetiva radical de sujeito.

E é precisamente aí que Baudrillard encontra Bataille, pois é no *dispêndio*, isto é, na transubstanciação do valor de troca econômico em valor simbólico (e não mais na acumulação) que é possível as classes dominantes terem o monopólio do código, o domínio sobre os valores/signos:

Na ordem económica, é o domínio da *acumulação*, da apropriação da mais-valia, que é essencial. Na ordem dos signos (da cultura), é o domínio do *dispêndio*, ou seja, da transubstanciação do valor de troca económico em valor de troca/signo, a partir do monopólio do código, que é decisivo. As classes dominantes, desde sempre, ou asseguraram à partida o domínio sobre os valores/signos (sociedades arcaicas e tradicionais), ou tentaram (a ordem burguesa capitalista) ultrapassar, transcender, consagrar o seu privilégio económico em privilégio dos signos, porque este estágio ulterior representa o estágio realizado da dominação (BAUDRILLARD, 1995, p. 111).

## 5 CONCLUSÃO

Podemos perceber que a teoria elaborada por Bataille da economia geral acaba em uma espécie de *aporía*, pois o autor reconhece que é possível que nunca conseguiremos explicitar o que realmente faz um dispêndio ser produtivo ou improdutivo na vida real. Porém, sua crítica filosófica e econômica permanece atual, visto que ela é possibilitada pelo fato de que a sociedade produtiva é assombrada pelo fantasma da improdutividade, e o mesmo pode-se dizer inversamente.

O que podemos concluir do pensamento de Jean Baudrillard é que a sociedade industrial se tornou uma sociedade de símbolos, onde o objeto tem um valor simbólico, além dos valores de troca e uso. Vivemos na sociedade do consumo, numa hiper-realidade, que sobrepuja o próprio real e o imaginário. É a simulação. Simulação onde opera a lógica do consumo e o fetichismo do significante. Os objetos não têm mais um valor de troca ou uso mas atribuem, através da lógica dos signos, um valor a si mesmos. O signo estabelece o controle social dos indivíduos através de uma ordem neocapitalista cibernética que visa o controle absoluto. Nesta hiper-realidade de simulacros temos todos os simulacros confundidos: a Disneylândia, “jogo de ilusões e fantasmas”, que impõe a cultura da simulação através da simulação da realidade (a virtualidade) visa o apagamento do real e do tempo, inaugurando o tempo sem profundidade, através da justaposição de todos os tempos.

No fim, pode-se afirmar que ambos os autores são importantes para realizar uma interpretação e crítica da sociedade capitalista pós-moderna, assim por dizer. Bataille, ao falar sobre os exemplos de dispêndio nos lembra de mercadorias cujo valor de utilidade é nulo, porém seu valor ostentatório é total. Como por exemplo, qual a necessidade de se usar um anel com diamantes? Absolutamente nenhuma, porém, o diamante, enquanto portador de valor simbólico possui valor inestimável, como forma de denotar a classe social pertencente. E o mesmo pode-se dizer de cerimônias e festas suntuosas: ambas possuem apenas o valor simbólico de dispêndio improdutivo de energias, porém sem valor útil realmente. E quando a hiper-realidade sobrepuja o real, conforme Baudrillard defende, tal valor simbólico fica ainda mais presente de forma onipotente. Portanto, torna-se necessária a crítica dos valores econômicos tradicionais, visto que agem de forma que obnubila o dispêndio e a realidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Pedro Antônio Gregorio de. **A revolta contra a utilidade: a improdutividade em suas diversas facetas na obra de Georges Bataille**. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021.
- BATAILLE, Georges. **A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 2 ed. rev., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Tradução de Anibal Alves. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Portugal: Relógio D'Água, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Arthur Morão. Portugal: Edições 70, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. **Troca simbólica e morte**. Tradução de Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. When Bataille Attacked the Metaphysical Principle of the Economy. Tradução de Stuart Kendall. **Scapegoat Journal**, Toronto, n. 5, p. 44-49, Verão/Outono 2013. Disponível em [http://www.scapegoatjournal.org/docs/05/SG\\_Excess\\_044-049\\_F\\_Baudrillard.pdf](http://www.scapegoatjournal.org/docs/05/SG_Excess_044-049_F_Baudrillard.pdf). Acesso em: 20 mar. 2024.
- MACHADO, Juremir. Jean Baudrillard: o elogio radical da parte maldita. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 6, n. 10, p. 24-33, junho 1999. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3025/2303>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a Dádiva". Tradução de Paulo Neves. In: CASTRO, Celso (org.). **Textos básicos de antropologia: cem anos de tradição**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 83-92

MELO, Hygina Bruzzi de. **A cultura do simulacro. Filosofia e modernidade em J. Baudrillard**. São Paulo: Loyola, 1988.

NOYS, Benjamin. **Georges Bataille: a critical introduction**. Sterling, Virginia: Pluto Press, 2000.